

Desenvolvimento pra quê e pra quem?

01/03/2007

Josilene Ribeiro*

Falar sobre desenvolvimento sugere uma análise de toda uma trajetória que conduziu a evolução humana de seu estágio primitivo ao auge científico-tecnológico atual, imbricado em uma "sociedade de risco", onde toda a população mundial sofre em maior ou menor grau os efeitos danosos da devastação do meio ambiente, sejam eles catástrofes naturais (furações, *tsunamis*, aquecimento global, etc.) ou esgotamento de recursos não renováveis (como a água e o petróleo). A amplitude e as conseqüências de tais problemas são ainda incalculáveis, porém alguns fatos recentes, como a Seca na Amazônia, o Tsunami na Ásia, o Furação Katarina nos Estados Unidos etc., podem ser mensagens do que esta por vir.

Para aumentar o drama as conseqüências destes fenômenos são sentidas em medidas diferentes por pobres e ricos, pois eles se distinguem não só pela posse de recursos, mas também pela capacidade de mobilização de seu capital social em prol da resolução de problemas. O capital social aqui citado deve ser entendido como um recurso presente em qualquer comunidade, que se origina nas relações sociais caracterizadas por atitudes de confiança e comportamentos de cooperação e reciprocidade.

Acrescenta-se a tudo isso a situação de miséria em quem vivem milhares de pessoas, embora atenuada por projetos de ajuda internacionais, envoltos em políticas de fomento ao "desenvolvimento", que muitas vezes contribuem para o enfraquecimento do capital social da comunidade e a desarticulação de seus saberes, gerando uma situação de reprodução da dependência. Assim, é notório a prática de um desenvolvimento desigual e insustentável, pois não assegura qualidade de vida e condições dignas de sobrevivência nem no presente nem no futuro, a não para alguns pouco privilegiados.

O modelo de desenvolvimento que vem sendo praticado está reduzido ao crescimento econômico, que por sua vez é um fenômeno incontrolado que depaupera o ecossistema em proporções cada vez maiores. Evidencia-se desta forma a incompatibilidade do sistema capitalista com as verdadeiras necessidades do homem e sobretudo com a continuidade do seu ambiente físico. É certo que muitos avanços foram alcançados, principalmente no âmbito da tecnologia. Mas ela não dá conta de tudo. Aliás os custo do desenvolvimento tecnológico não superam os danos causados: poluição dos rios (80% das enfermidades no mundo são contraídas por causa do consumo de água poluída), desertificação do solo, extinção de espécies animais (cerca de 611 espécies foram extintos nos últimos 400 anos e, só no Brasil há 218 ameaçadas de extinção) e vegetais, etc... Não se trata tão pouco de reduzir tudo ao verde - e colocar a árvore em primeiro lugar -, estamos falando também de bens culturais: povos esquecidos e culturas suprimidas.

A natureza tem um tempo diferente do relógio digital, criado pelo homem. Ela é cíclica, move-se lentamente ao encontro de adaptações que lhe seja favorável. Em certo sentido pode-se até dizer que ela seja cruel, pois cuidará de eliminar aquilo que lhe faz mal. Nisto consiste a hipótese Gaia, nome poético que a mitologia grega dava à deusa da Terra. Disseminada entre ambientalistas e naturalista, a hipótese Gaia foi multiplicada pelo ecólogo e engenheiro agrônomo José Lutzemberger, para quem a Terra é um ser vivo e os seres humanos são células, algumas cancerosas, de seu tecido nervoso.

Ainda que descartemos a hipótese Gaia, "A Ciência" reconhece que devemos tratar idéia de Ecossistema como uma unidade viva de extrema complexidade, constituído por interações entre imensas quantidades de espécie vegetais e animais, incluindo o homem. Assim, tomemos por base à descoberta de que todo ser vivo é um sistema

aberto, simultaneamente autônomo e dependente do ecossistema. "Quanto mais evoluído é o ser, mais autônomo ele é, quanto mais complexo, mais dependente, por mil ramificações do ecossistema" afirma Edgar Morin. Assim revela-se a grande lei da interdependência a qual os seres humanos, os vegetais, e os demais animais estão submetidos.

Mas então se todos estamos condenados ao um fim comum, qual a responsabilidade do homem? Ilustrativamente basta lembrar que mudanças rápidas vêm ocorrendo na natureza e que o agravamento das questões ambientais coincide com o desenvolvimento da sociedade industrial e o surgimento de grandes conglomerados urbanos, a pouco mais de 200 anos.

É impossível dar conta desta problemática em um só artigo. Portanto, nosso objetivo é, em primeiro lugar, no âmbito do indivíduo, conscientizar da necessidade do reconhecimento da nossa interdependência em relação à Natureza. Em segundo, no âmbito cultural coletivo, transcender a cisão feita entre homem e natureza na cultura ocidental. Mas isto será impossível se não houver uma ação política, no sentido de construir um novo modelo de desenvolvimento, que reequilibre as forças que hoje põe em risco a vida no planeta Terra. Precisamos encontrar o "caminho do meio", ou seja um caminho alternativo que leve a um desenvolvimento equilibrado, ou seja que não cause danos ao meio ambiente, entendendo os homens, a fauna e a flora como partes interdependentes e de igual importância para continuidade da vida no Planeta Terra.

* **Josilene Ribeiro** é mestrande do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba com pesquisa na área de Sociologia Rural e do Desenvolvimento. Foi professora substituta do DECOM e é graduada em Comunicação Social também pela UFPB, atuando como assessora de comunicação.